

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

DEPARTAMENTO DE QUÍMICA

CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

BRUNA THAIS ROSSETTO

**IMPLICAÇÕES NO ENSINO APRENDIZAGEM DE QUÍMICA POR
ALUNOS SURDOS, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PATO BRANCO
2015**

BRUNA THAIS ROSSETTO

IMPLICAÇÕES NO ENSINO APRENDIZAGEM DE QUÍMICA POR ALUNOS SÚRDOS, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Projeto referente ao Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a conclusão do Curso Bacharelado em Química – habilitação em licenciatura da UTFPR – Campus Pato Branco.

Professor Orientador: Larissa Macedo dos Santos Tonial. Professor Coorientador: Mirelia Flausino Vogel.

Pato Branco, 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho de diplomação intitulado **Implicações na aprendizagem de química por alunos surdos na perspectiva da educação inclusiva** foi considerado **APROVADO** de acordo com a ata da banca examinadora N° **1.1.2015-L** de 2015.

Fizeram parte da banca os professores.



Larissa Macedo dos Santos Tonial



Mirelia Flaúsino Vogel



Elidia Aparecida Vetter Ferri

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fortaleceu, abençoou e amparou em todas as fases da minha pesquisa e graduação.

A instituição de ensino UTFPR, campus Pato Branco por ter me proporcionado um ensino de qualidade e competência, ao meu coordenador de curso Prof. Dr. Marcio Barreto Rodrigues por toda disponibilidade em atender minhas dificuldades, a minha Orientadora Profa. Dra. Larissa Macedo dos Santos Tonial por toda dedicação e contribuição para esse trabalho, assim como à Coorientadora do projeto Profa. Ms. Mirelia Flausino Vogel.

Agradeço também às instituições de ensino e seus responsáveis, as quais abriram suas portas para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Aos meus pais, Nelci e Cleomar Rossetto, por estarem presentes em toda essa etapa da minha vida, em especial ao meu pai que dedicou grande parte de si em me ajudar e apoiar durante todos esses anos. E dizer a eles que ajudaram a construir tudo que tenho e tudo que sou hoje.

Ao meu sogro e sogra, Rozeli e Luiz Fernando Geron, por contribuírem de forma significativa para a conclusão deste curso, estando ao meu lado e incentivando-me de forma produtiva em minhas decisões.

Por fim, ao meu amado noivo Matheus Luiz Geron, que esteve comigo em todos os momentos desta etapa tão difícil da minha vida. Por toda sua paciência, compreensão, carinho, dedicação e amor. Por muitas vezes me ajudar a encontrar soluções quando elas pareciam não existirem pelas palavras de ânimo e incentivo que sempre mudaram o rumo das minhas angústias. Por ser a pessoa que durante todo este processo esteve ao meu lado e compartilhou comigo dos momentos de tristezas e alegrias, além deste trabalho, dedico a você todo meu amor pelo resto da minha vida.

“Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?”

(Filósofo grego Sócrates 368 a.C)

RESUMO

O presente estudo teve como finalidade observar o ambiente escolar de três diferentes instituições de ensino médio com o objetivo de verificar como a educação especial está acontecendo nestas escolas de ensino regular, na perspectiva da educação inclusiva e as implicações no ensino aprendizagem de química por alunos surdos. Foram analisados diferentes vivências por diferentes sujeitos da educação sendo eles professores, intérpretes e pedagogos os quais fizeram parte de entrevistas que contribuíram para a formação e estruturação da pesquisa como um todo. A opinião final sobre cada questão abordada foi exclusivamente da acadêmica, levando em consideração diversas observações realizadas individualmente em cada escola. O aluno surdo é incluso atualmente em escolas regulares em função das atuais leis de inclusão, com objetivo de inclui-lo por completo na sociedade em que vivem, porém diversas questões sobre a convivência, socialização e aprendizagem serão abordadas neste trabalho. Além de ressaltar a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que pode ser vista como agente de comunicação e ainda proporciona ao surdo uma vida mais agradável e autônoma.

Palavras-chave: Aluno surdo, educação inclusiva, química, aprendizagem de química.

ABSTRACT

This study aimed to verify the school environment from three different educational institutions in order to highlight the ways in which inclusive education is happening in our country, what are the prospects of inclusion and the implications for learning chemistry education. Different views were analyzed from different taxpayers of education they are teachers, interpreters and educators who were part of interviews that contributed to the formation and structure of the research as a whole. The final opinion on each issue addressed was exclusively academic, taking into account various observations made individually in each school. Deaf student is currently included in regular schools in order to include it fully in society which we live, but many questions about living, socialization and learning will be addressed in this work. Without forgetting the importance of the Brazilian Sign Language (LBS) that can be seen as a communication agent and provide the deaf a more enjoyable life.

Keywords: Deaf student, inclusive education, chemistry, chemistry learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Porcentagem de alunos surdos nas instituições A, B e C.....27

Figura 2 - Porcentagem de professores que dominam LIBRAS e intérpretes em relação ao total de professores nas instituições A, B e C.....28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Parâmetros quantitativos do ambiente escolar das instituições A, B e C...	27
Tabela 2 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola A.....	48
Tabela 3 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola B.....	49
Tabela 4: Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola C.....	50

LISTA DE SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
CM	Configuração de mão
PA	Ponto de articulação
M	Movimento
O	Orientação
EFC	Expressão facial-corporal
ASL	Sign Language Structure
NRE	Núcleo Regional de Educação
ENEM	Exame nacional do ensino médio

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização quantitativa do ambiente escolar com alunos surdos.....47

Quadro 2 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos.....47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo geral.....	14
2.2 Objetivos específicos.....	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3.1 História da educação dos surdos.....	15
3.1.2 História da educação dos surdos no Brasil.....	18
3.2 LIBRAS é língua?.....	19
3.3 Formas de comunicação do surdo:.....	20
3.3.1 Oralismo.....	20
3.3.2 Bilinguismo.....	22
3.3.3 Língua de sinais.....	23
3.4 Política da educação inclusiva.....	23
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
5 DISCUSSÕES E RESULTADOS.....	26
5.1 Caracterização quantitativa da instituição de ensino.....	26
5.2 Caracterização qualitativa da instituição de ensino.....	29
5.2.1 Escola A.....	29
5.2.2 Escola B.....	32
5.2.3 Escola C.....	36
5.2.4 Opiniões em comum envolvendo as três instituições.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXO 1.....	47
ANEXO 2.....	48
ANEXO 3.....	49
ANEXO 4.....	50

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a educação inclusiva vem sendo cada vez mais enfatizada pela sociedade, que busca diversas maneiras de aprimorar seu modo de vida.

Baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) pode-se inferir que é direito dos alunos surdos receberem educação nas escolas regulares de ensino, e que o sistema deve assegurar que existam profissionais capacitados para transmitir conhecimento em sala de aula, sendo eles os professores mais os chamados tradutores de libras que tem como objetivo a mediação do conhecimento transmitida pelo professor para a linguagem brasileira de sinais.

Deste modo, a escola deve oferecer, a todos os alunos possibilidades reais de aprendizagem o que inclui alunos sem e com deficiência. Em destaque, as escolas que possuem alunos especiais devem ter como objetivo inclui-los e tratá-los de forma igual aos demais, e caso não esteja promovendo a educação para todos estará realizando uma inclusão problemática e até mesmo inexistente.

Assim, a inclusão é algo que procura oferecer a todos os necessitados, oportunidades, direitos e deveres iguais, na escola isso deve ser aplicado de forma correta, pois se existirem falhas pode tornar-se uma exclusão ou invés de inclusão.

Somando às diversas pesquisas que visam à melhora da educação do aluno surdo, este trabalho se propõe a discutir sobre a perspectiva de qual é a real inclusão que ocorre no atual sistema de ensino, quais as dificuldades encontradas por esses alunos ao chegar no ensino médio, qual a importância do uso da Libras como primeira língua dos surdos, e de uma forma geral quais as implicações do ensino de química em uma sala de aula, que possui alunos surdos.

A metodologia empregada é a observação do ambiente escolar em que se encontram alunos surdos, e questões que envolvem a vivência destes no âmbito escolar, como também possíveis implicações no processo de ensino aprendizagem serão abordadas durante este trabalho.

2.1 Objetivo geral

Observar o ambiente escolar em que se encontram os alunos surdos, e analisar as implicações envolvidas no processo de aprendizagem da disciplina de química, em escolas públicas no município de Pato Branco – PR.

2.2 Objetivos específicos

- Observar o ambiente escolar escolhido de modo a caracterizá-lo quanto ao número de alunos com e sem deficiência, professores, intérpretes e funcionários;
- Caracterizar o ambiente escolar quanto a sua estrutura física;
- Determinar as principais características das aulas observadas;
- Verificar se existem trabalhos diferenciados para os surdos;
- Verificar se os alunos surdos fazem perguntas, e interagem nas aulas de química;
- Constatar se os intérpretes fazem a tradução de tudo que o professor fala para a LIBRAS;
- Verificar o rendimento escolar dos alunos surdos;
- Pesquisar se a escola faz um acompanhamento com a família dos alunos surdos;
- Verificar o comportamento dos alunos surdos em sala de aula;
- Verificar se existe um material didático específico tal como livros para os alunos surdos;
- Saber se o intérprete acompanha o aluno durante todo o tempo que ele permanece na escola.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 História da educação dos surdos

Conforme Frizanco e Honora (2009) na antiguidade para gregos e romanos, de uma maneira geral os surdos não eram considerados humanos, pois a fala era resultado do pensamento e logo quem não pensava não poderia ser considerado humano. Com isso os surdos não tinham os mesmos direitos destinados as demais pessoas, ou seja, não poderiam ter testamentos, escolarização e até mesmo frequentar lugares dos ouvintes. Sabe-se que por volta do século XII os surdos não poderiam nem mesmo contrair matrimônio. Nesta época a sociedade se organizava em feudos e os nobres muitas vezes casavam-se entre si para não dividir a herança, o que causava então o nascimento de crianças surdas.

Quando se fala sobre sociedade e a relação que ela tinha com os surdos não se pode esquecer da Igreja, pois sabe-se que durante muito tempo de nossa civilização a Igreja teve grande influência sobre a vida da comunidade. Sabe-se que a Igreja tinha uma opinião formada sobre os surdos.

“A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados. Até mesmo na bíblia pode-se perceber uma posição negativa em relação á surdez.” (GOLDFELD, 1997, p.27)

Pode-se observar a partir do texto que a sociedade juntamente com a influência da Igreja passava às demais pessoas a visão de que os surdos eram indivíduos castigados e que vieram a Terra para pagar seus pecados, e quando o texto faz referência que a própria Bíblia diz que ela tem uma posição negativa sobre as pessoas surdas está referindo-se ao livro de João 1:1 que diz “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”, partindo-se deste versículo eles faziam a interpretação de que se você não pudesse ouvir Deus ou falar com ele, você então não era digno.

A Igreja teve grande influência na discriminação de pessoas surdas, por não possuírem uma língua não poderiam se confessar, e com isso suas almas passariam

a ser consideradas mortais. Foi nesse período da história que houve as primeiras tentativas de educar os surdos, ela veio por parte dos monges que em forma de penitência haviam feito o chamado voto de silêncio, e por causa disto criaram uma linguagem gestual para que não ficassem completamente incomunicáveis. Esses monges foram convidados pela Igreja Católica para ajudar na educação de pessoas surdas que faziam parte da nobreza, pois a Igreja tinha grande influência na época, mas não poderia deixar de lado pessoas que faziam parte do poder econômico, tal que se possuíssem uma língua poderiam fazer parte dos ritos católicos tendo então suas almas imortais, surgindo então os primeiros relatos do uso de sinais para educar surdos.

Goldfeld (1997) afirma que já na idade moderna, por volta do século XVI, foi quando surgiram os primeiros educadores para surdos, um dos pioneiros foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584) este ensinou quatro surdos que participavam da nobreza a pronunciar algumas palavras em grego e também desenvolveu uma metodologia para a educação dos surdos com base na representação manual das letras do alfabeto, dando início a uma das primeiras escolas para formação de professores que pudessem ensinar os surdos.

Por sua vez o grande interesse ainda era a educação de surdos nobres, pois nas famílias quando o primogênito nascia surdo, o mesmo não teria direito à herança se não soubesse falar, o que poderia colocar em risco toda a riqueza da família. Como o pagamento era generoso para que seus filhos pudessem aprender a pronunciar algumas palavras, foi nesta época que surgiram muitos estudiosos junto com várias técnicas de ensino. O século XVIII foi marcado por ser um dos períodos mais prósperos para a educação de surdos, com a construção de escolas e aprimoramento de técnicas de comunicação.

Segundo Frizanco e Honora (2009) idade contemporânea, foi uma época em que os médicos, religiosos e gramáticos puderam influenciar nas técnicas que envolviam a pronúncia de palavras. A história nos traz o médico cirurgião Jean Marc Itard (1775-1838), que buscou a “diminuição” da surdez.

Itard dedicou grande parte da sua vida em buscar as causas da surdez, porém seus métodos eram muitas vezes radicais.

Sua primeira constatação foi a de que a causa dela não era visível. Seus próximos passos foram dissecar cadáveres de surdos, dar descargas elétricas em seus ouvidos, usar sanguessugas para provocar sangramentos e furar as membranas timpânicas de alunos, fazendo com que um deles fosse levado à morte e os outros tivessem fraturas cranianas e infecções devido às suas intervenções. (FRIZANCO; HONORA, 2009, p.19)

Após 16 anos de estudo tentando buscar a “cura” o médico rendeu-se, declarando que a melhor maneira de educar o surdo é através da língua de sinais.

A história também mostra que depois que começou-se a utilizar a língua de sinais o nível de escolaridade dos alunos surdos teve um grande salto. Por volta de 1820 têm-se grandes evoluções educacionais e as escolas puderam se especializar em alunos surdos, dando-lhes a oportunidade de aprendizado e assim possibilitando sua formação acadêmica, porém eles defendiam o uso da oralidade e não que a base da educação como sendo a língua de sinais (GOLDFELD ,1997).

Em 1880 foi realizado um congresso que ocasionou uma grande pausa no aperfeiçoamento da linguagem de sinais, o chamado congresso de Milão. Neste foi decretado a proibição do uso da língua de sinais, e os estudiosos apontavam o uso da oralidade como sendo o melhor método de aprendizado para o surdo.

Durante os 80 anos seguintes foi decretado a proibição do uso da língua de sinais. Notou-se o fracasso na educação para surdos, sendo que os mesmos passavam mais de oito anos na escola e quando saíam o único trabalho que conseguiam era de sapateiros e costureiros, além de que os alunos que não se adaptavam ao oralismo eram vistos como retardados. O uso da língua de sinais só voltou a ser aceito a partir de 1970, porém acompanhado pelo oralismo.

A partir do século XX surgiram pesquisas que tinham como objetivo melhorar a educação especial, tais como a aprovação de novas metodologias. Nesta época surgiram os primeiros professores que também eram surdos e que lecionavam para surdos, todavia com uma nova discussão que envolve a educação somente com o uso de sinais e a que prefere o bilinguismo (CASTRO; CARVALHO, 2009).

Hoje pode-se dizer que pessoas surdas têm seus direitos assegurados como qualquer outra pessoa, tendo leis que os defendem e os dão direitos não só para a educação, mas para a vida em sociedade. Com relação ao preconceito sabe-se que ainda existe, porém este vem diminuindo consideravelmente ao longo dos anos.

3.1.2 História da educação dos surdos no Brasil

No Brasil, a educação para pessoas surdas começou de forma bem lenta e branda, foi no início do século XIX a partir da Independência do Brasil, onde o país começou a atender a essa reivindicação (JANNUZZI, 2006).

Durante esse período da história somente 2% da população surda brasileira frequentava a escola, pois as barreiras encontradas para conseguir a alfabetização eram muitas. Não existia um número considerável de escolas, e as que existiam em grande parte eram localizadas no Rio de Janeiro, e dessas a maioria era particular. Com base nessas informações podemos ver que as crianças surdas para conseguirem estudar tinham uma caminhada bem difícil a ser percorrida (JANNUZZI, 2006).

Foi a partir da década de 50, que no Brasil foi criado o primeiro Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), por iniciativa de um surdo francês Enest Huet, o qual em junho de 1855 apresentou ao Imperador Dom - Pedro II um relatório para construção do Instituto. Huet alegava já ter participado da construção de outro instituto na França, e que a criação deste proporcionaria a formação de profissionais surdos no Brasil. O Imperador apoiou a ideia da construção, que começou a funcionar a partir de 1º de janeiro de 1856, com as disciplinas propostas de língua portuguesa, aritmética, geografia, história do Brasil, escrituração mercantil, linguagem articulada, doutrina cristã e leitura sobre os lábios (INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 2014).

O INES, durante muito tempo, foi conhecido como pioneiro na educação para surdos, trazia alunos de todo o Brasil e também do exterior. Ressalta-se que o uso da língua de sinais era bastante empregado no aprendizado dos alunos, de tal forma que um de seus alunos desenhou um livro o qual tinha a intenção de divulgar o meio que os surdos usavam para se comunicar. De várias outras maneiras os surdos que estudavam no instituto demonstraram que eram capazes de fazer tarefas e realizar trabalhos tais como qualquer outra pessoa, sendo um exemplo para a sociedade da época, porém todo esse trabalho era realizado dentro do Instituto.

Por volta da década de 80 os acadêmicos e professores do Instituto iniciaram um movimento que tinha como objetivo a socialização dos surdos, o mesmo teve grandes resultados, um deles é conhecido até hoje como sendo o movimento de

oficialização da Língua Brasileira de sinais – LIBRAS, a qual posteriormente, foi regulamentada perante a lei.

O INES ainda está funcionando nos dias atuais e tem grande importância no referencial para a educação de alunos surdos, tendo um vasto material pedagógico que oferece aos surdos a educação desde seus primeiros anos de vida até o ensino superior.

Existiram também outros Institutos de grande valor histórico na educação de surdos tais como: O Santa Terezinha, fundado em São Paulo no ano 1933, sendo este particular; A Escola Municipal de Educação Especial Helen Keller fundada em 1951 no estado de São Paulo; O Instituto Nacional São Paulo, fundado em 1969, que existe até nos dias de hoje. Todos estes funcionaram com o objetivo de fomentar a integração dos alunos surdos (FRIZANCO; HONORA, 2009).

3.2 LIBRAS é língua?

Segundo (VALENTE; RODRIGUES, 2012, p.36) “A libras, na sua condição de língua natural, é tão complexa e sofisticada quanto qualquer outra língua oral, apresentando as mesmas propriedades linguísticas”.

Quando se trata da Libras pode-se afirmar que é uma língua e que ela é completa, os indivíduos que fazem uso dela podem comunicar-se por completo com os demais. Na Libras os sinais são utilizados para pronunciar palavras e são formados por 5 parâmetros, são eles: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial-corporal (EFC). Se caso um dos parâmetros sofrer alteração o sinal ou palavra torna-se diferente ou até mesmo inexistente.

A Libras tem características únicas, muitas palavras não possuem um sinal definido, quando isso acontece o indivíduo distribui gestualmente cada letra segundo o alfabeto de Libras, conhecido como Alfabeto Datilológico, podendo então continuar sua comunicação. Outra característica predominante da língua é que ela tem sua própria gramática que é diferenciada da língua oral. A construção das frases é feita de modo diferenciado tendo suas próprias regras que relaciona como a pessoa surda processa suas ideias, e tem base na percepção visual-espacial.

As frases nas Libras possuem aspectos marcantes, como exemplo não se faz uso de artigos, preposições ou conjunções, uma vez que eles já estão incorporados no sinal, por exemplo uma frase em língua portuguesa seria:

- Eu vou à sua casa hoje à noite.

Em Libras essa frase seria:

- Eu casa sua hoje noite.

Mesmo a língua de sinais sendo completa ela se difere em alguns aspectos da língua portuguesa o que a torna própria atingindo às necessidades de quem a usa.

Ressaltando, a Libras é de modalidade visual-motora, uma língua que se baseia na visão, pois os surdos têm esse sentido mais aguçado que as pessoas ouvintes, com isso a língua se adaptou da forma mais adequada a conseguir criar seu modo de construção gramatical.

3.3 Formas de comunicação do surdo:

3.3.1 Oralismo

Pode-se definir a oralidade como sendo o uso da linguagem oral ou falada para se realizar a comunicação.

Quando se trata deste assunto e correlaciona com pessoas surdas, tem-se um contexto histórico bastante relevante, pois existiram ao longo da história vários pensadores e filósofos que defendiam o uso da oralidade como base de ensino para surdos, afirmando que se fosse feito o uso da linguagem de sinais ela seria prejudicial ao aprendizado dos alunos.

As crianças ensinadas somente com o uso da oralidade são consideradas surdas oralizadas. O que se acreditava era que o ensino através da oralidade era a única maneira que o indivíduo surdo teria de se comunicar, e o único modo que pudesse levar ao êxito do desenvolvimento cognitivo. Este era visto também como uma forma de interação da criança surda com a comunidade ouvinte.

O objetivo principal do uso do oralismo era minimizar os efeitos da surdez, e de alguma maneira fazer com que essas pessoas pudessem aprender no caso do Brasil a língua portuguesa, e juntamente com isso a reabilitação da criança surda em direção a uma normalidade (GOLDFELD, 1997).

Um dos maiores marcos na história envolvendo o uso do oralismo foi o Congresso de Milão, que ocorreu em 1880, o qual foi considerado um dos piores momentos já relatados na história da educação dos surdos, pois nesta ocasião o “famoso Congresso de Milão, com duração de três dias, levou um grupo de ouvintes a resolver que a língua de sinais deveria ser excluída do ensino dos surdos, sendo substituída pelo oralismo.” (VALENTE; RODRIGUES, 2012).

O uso totalitário do oralismo teve como efeito segundo (OLIVEIRA, 2012, p.65):

“Como consequência dessa deliberação, o cenário educacional dos surdos mudou drasticamente: foi banido o uso da língua de sinais, o que impossibilitou a atuação de professores surdos nas escolas, e os surdos foram excluídos de todas as decisões educacionais e políticas da época”.

Partindo desta imposição os educadores não podiam fazer o uso da língua de sinais, tiveram então de buscar outras formas de ensinar seus alunos visando o uso do oralismo. Essas técnicas eram baseadas no “treinamento auditivo, desenvolvimento da fala e leitura labial, contudo, o fracasso dos alunos surdos era visível” (VALENTE; RODRIGUES, 2012, p.33).

Somente o uso do oralismo além de se tornar uma tarefa extremamente complicada tanto para o professor quanto para o aluno, os resultados do uso individualizado desta técnica não foram tão satisfatórios, pois os alunos em geral não conseguiam compreender uma língua à qual eles não podiam ouvir, em função disto a qualidade da educação dos surdos diminuiu, podendo ser considerada um fracasso a educação de surdos devido à predominância do oralismo na forma de ouvintismo.

Seguindo o raciocínio de Goldfeld (1997, p.31) tem-se um possível final para o uso obrigatório do oralismo nas escolas:

“O oralismo dominou em todo o mundo até a década de 1970, ano em que William Stokoe publicou o artigo “Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf”, demonstrando que a ASL é uma língua com todas as características das línguas orais.

Baseado nessa publicação surgiram diversas pesquisas sobre a língua de sinais e sua aplicação na educação e na vida do surdo, que, aliadas a uma grande insatisfação por parte dos educadores e surdos com o método oral,

deram a origem á utilização da língua de sinais e de outros códigos manuais na educação da criança surda”.

Com o uso mais ampliado da língua de sinais, novamente o surdo teve condições favoráveis de poder interagir com a sociedade, tendo então sua comunicação aperfeiçoada e ampliada de forma unânime, onde todos os surdos passaram a se comunicar com sinais e gestos iguais segundo seu país de origem, facilitando sobre tudo sua convivência com o mundo e com os indivíduos que nele vivem.

3.3.2 Bilinguismo

Fazendo referência a Dubois et al. (2011, p.87) de forma geral “O bilinguismo é a situação na qual os falantes são levados a utilizar alternativamente, segundo os meios ou as situações, duas línguas diferentes”.

No caso dos surdos o bilinguismo faz referência ao uso da língua gestual que pode ser considerada a língua natural do surdo, juntamente da língua oral ou a pronúncia de palavras de acordo com a língua materna utilizada em seu país. (SANTANA, 2007)

Em um breve apanhado histórico sobre o bilinguismo, sabe-se que no ano de 1980 foi quando ele surgiu dando ênfase aos surdos. Desde o princípio defende-se a língua de sinais como sendo a principal e a língua portuguesa como secundária, porém as duas deveriam ser aprendidas simultaneamente pelos surdos. A criança deveria ser submetida a acompanhamento fonoaudiólogo para que aprendesse a pronunciar palavras mesmo não podendo ouvi-las. A questão enfatizada pelos defensores do bilinguismo é a socialização do surdo pois se ele conseguir pronunciar as palavras da sua língua materna tal como um ouvinte poderá ser inserido com mais facilidade na sociedade (SANTANA, 2007).

O bilinguismo pode ser considerado uma forma de comunicação do surdo, sendo utilizada até hoje e considerada como uma das formas de ensino que buscam beneficiar o desenvolvimento cognitivo, já que o surdo aprende diferentes formas gramaticais de comunicação (SANTANA, 2007).

3.3.3 Língua de sinais

A língua de sinais é a língua materna usada pelos surdos, é por intermédio dela que a maioria deles tem o primeiro contato com a comunicação, sendo uma língua bem específica, ela tem como base o seu país de origem, em função disso cada país possui seus próprios sinais.

No Brasil a língua materna dos surdos é conhecida como Libras, segundo (CASTRO; CARVALHO 2009, p.15):

“A força da Língua Brasileira de Sinais, suas ricas características e componentes fazem dela um poderoso instrumento linguístico que permite o indivíduo surdo ser amplamente beneficiado com todo o amplo conhecimento humano, inclusive a aquisição de uma segunda língua”.

De acordo com a citação sabemos que a língua de sinais no Brasil é bem difundida e completa, proporcionando a quem usa um conhecimento amplo sobre qualquer assunto.

É uma língua que possui seu próprio alfabeto e construção gramatical. Porém não são todas as palavras da língua portuguesa que podem ser traduzidas para a Libras, pois ela como já citado anteriormente tem uma gramática diferenciada.

Como já debatido essa forma de comunicação foi bastante solicitada até que pudesse ser aceita pela sociedade, como não é uma língua falada ela sofreu muito preconceito até poder ser vista como língua. Hoje os surdos têm direito a usá-la de forma livre e isso foi conquistado por eles ao longo do tempo. É uma comunicação completa que ainda está relacionada com a forma que o surdo vê o mundo.

3.4 Política da educação inclusiva

A inclusão é um tema bastante amplo, pois se sabe que uma pessoa pode sentir-se incluída em um determinado grupo ou situação e excluída de outro, desta maneira podemos ver que existem muitos tipos de inclusão, tais como social, digital, escolar, econômico, racial, de gênero, entre outros.

A antiga legislação brasileira nos dá um panorama de como eram as leis em nosso país, para que possamos compará-las com as mudanças constitucionais realizadas.

A primeira legislação que faz citação aos surdos é o Código Civil Brasileiro, datado em 1º de janeiro de 1916, onde na lei nº 3.071, artigo 5, diz:

São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil:

I – os menores de 16 (dezesseis) anos;

II – os loucos de todos os gêneros;

III – os Surdos-Mudos, que não puderem exprimir a sua vontade;

IV – os ausentes, declarados tais por ato do juiz. (FRIZANCO; HONORA, 2009):

Comparando com os dias atuais essa lei é vista como ultrapassada, o que demonstra que o governo aprimorou sua forma de tratar seus cidadãos.

Nas últimas décadas pode-se observar que estão ocorrendo mudanças significativas na educação tais como “mudanças nos parâmetros curriculares nacionais, mudanças nas leis de acessibilidade, mudanças na universalização do acesso à escola, mudanças na obrigatoriedade do ensino” (RODRIGUES, 2006, p.16) fazendo com que o país caminhe para uma melhora no seu ensino.

A inclusão no âmbito escolar, com relação ao objetivo do governo, tem como finalidade estabelecer suas leis de modo que a proporcionar às pessoas com deficiência a sensação de igualdade. Para alunos surdos e demais alunos com necessidades educacionais especiais as leis de inclusão já foram estabelecidas, porém algumas delas ainda não são colocadas em prática adequadamente (ZAQUEU, 2012).

Segundo NOGUEIRA; OLIVEIRA; SÁ (2009, p.15):

As políticas educacionais no Brasil têm buscado universalizar o acesso ao ensino fundamental, garantindo matrícula para a população infantil e, dependendo da região, juvenil. Não podemos ainda afirmar o mesmo para os adultos e para aqueles com necessidades educacionais especiais. Na verdade, muito se tem feito nessa área, mas ainda resta um mundo a ser construído. Sabemos que não basta ter a lei que cria a inclusão dos alunos

– ainda denominados, no artigo 21, do título VI, referente á educação fundamental – portadores de deficiências físicas ou mentais, para que esse grupo ingresse, permaneça e aprenda na escola”.

Observa-se que existem leis que garantem que pessoas com deficiências sejam integradas ao âmbito escolar, porém o que ocorrem em nosso país é que muitas dessas leis não são colocadas em prática e da mesma forma em todas as regiões, pois não são todas as regiões do país que crianças com alguma deficiência frequentam regularmente a escola.

No Brasil a principal lei que defende os direitos dos surdos é a Lei nº 10.436/02 que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. É através da mesma que é garantido às pessoas surdas, de forma institucional, que a Libras esteja em uso e difusão, bem como a inclusão dela como disciplina no currículo dos cursos de formação de professores e fonoaudiólogos (NOGUEIRA; OLIVEIRA; SÁ, 2009).

Essa lei proporciona aos surdos a possibilidade de utilizar a Libras como língua para sua comunicação, e acompanhada da escrita da língua portuguesa eles possam aprender todos os conteúdos repassados pelos professores em sala de aula.

Ainda conforme os mesmos autores, além desta legislação, tem-se o decreto nº 6.094/2007 o qual estabelece diretrizes de compromisso “Todos pela Educação”, que garante o acesso e permanência no ensino regular para alunos com necessidade educacionais especiais, e com isso o governo busca fortalecer a inclusão educacional nas escolas públicas do país.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente foi realizada uma visita ao Núcleo Regional de Educação (NRE) da cidade onde foi realizada a pesquisa, para a verificação das escolas do município que possuem em seu corpo discente alunos surdos.

Com o nome das instituições, foi realizada uma visita, para a apresentação do presente trabalho aos representantes (diretores, pedagogos, etc.). Após o acordo com as instituições foi estabelecido o cronograma do trabalho.

As visitas e observações foram realizadas com apoio de um questionário o qual se encontra no Quadro 1 e 2 (em anexo). Este contém informações necessárias

para determinar se a educação especial na disciplina de química está ocorrendo de maneira inclusiva para todos os alunos do ensino médio destas instituições.

O questionário foi preenchido pela acadêmica, a partir das observações, durante as aulas e visitas às escolas. Além das observações também foram realizados diálogos com os professores, intérpretes e direção.

5 DISCUSÃO E RESULTADOS

Após a visita realizada ao NRE, foram determinadas as escolas as quais seriam alvo da pesquisa. A pesquisa foi realizada em três escolas estaduais do município de Pato Branco, as quais foram nominadas como Escola A, B e C. Essa denominação foi realizada de modo a garantir o sigilo das instituições participantes.

De modo geral pode-se afirmar que as escolas A, B e C possuem características significativamente diferentes. Dentre estas características destaca-se a escola C a qual apresenta uma estruturação de ensino médio diferente das demais, onde o aluno escolhe quais disciplinas quer cursar, outra ressalva é que no período em que foi realizada as observações não havia alunos surdos matriculados na disciplina de química dessa instituição. Diferente das demais escolas A e B, caracterizadas como colégios tradicionais onde as disciplinas são ministradas em conjunto.

Outra observação importante é que na escola C alguns de seus alunos surdos possuem pouquíssima alfabetização, tanto na Libras quanto na língua portuguesa, e os professores na maioria das vezes tende a começar seu desenvolvimento escolar partindo de princípios básicos.

A pesquisa como um todo envolveu observação e entrevistas com professores, pedagogos, intérpretes e funcionários em geral de cada uma das instituições participantes. Todos foram muito receptivos e colaboraram de forma satisfatória para a realização da pesquisa. Deste modo, os resultados apresentados são na maioria a percepção particular da acadêmica a qual realizou a pesquisa.

5.1 Caracterização quantitativa da instituição de ensino

A caracterização quantitativa do ambiente escolar realizada por meio de visitas permitiu inferir sobre as características do ambiente escolar. Na Tabela 1 são

apresentados os resultados referentes a caracterização quantitativa das escolas A, B e C.

Tabela 1 - Parâmetros quantitativos do ambiente escolar das instituições A, B e C.

Parâmetros Quantitativos Avaliados no Ambiente Escolar	Escola A	Escola B	Escola C
<i>Número total de alunos</i>	442	1400	617
<i>Número de alunos surdos</i>	9	6	4
<i>Número total de professores</i>	62	118	88
<i>Número de professores de química</i>	2	3	2
<i>Número de professores com alunos surdos em suas aulas</i>	29	60	10
<i>Número de professores com domínio em LIBRAS</i>	3	1	0
<i>Número total de intérpretes</i>	2	4	4
<i>Número total de funcionários</i>	82	189	101

Com base nos dados obtidos na Tabela 1 calculou-se a porcentagem de alunos surdos em relação ao total, para cada uma das instituições analisadas na presente pesquisa. Os resultados são apresentados na Figura 1.

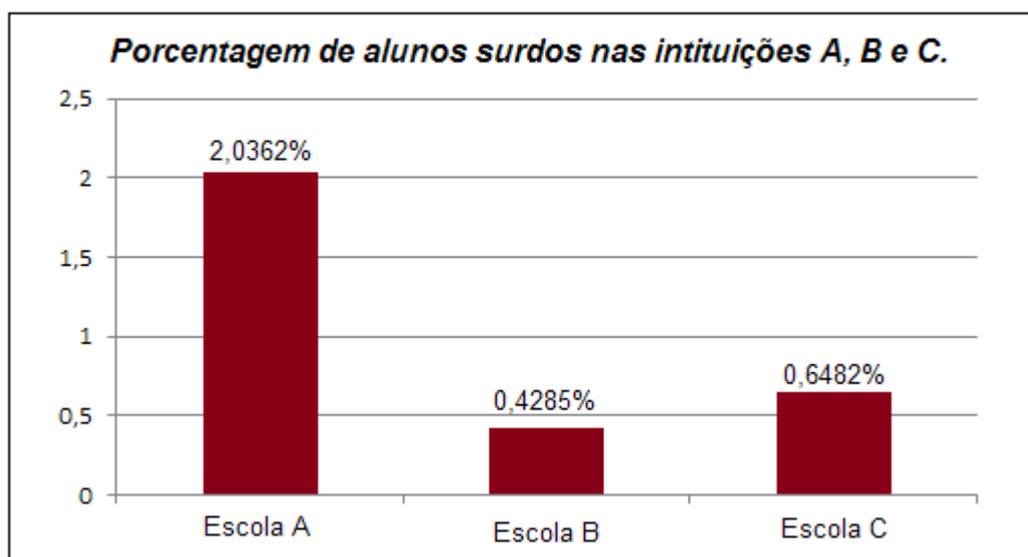


Figura 1 - Porcentagem de alunos surdos nas escolas A, B e C.

Segundo os resultados observa-se que a Escola A apresenta uma proporção bastante acima das demais, esse não é devido apenas ao maior número de alunos surdos, mas também ao menor número de alunos no total.

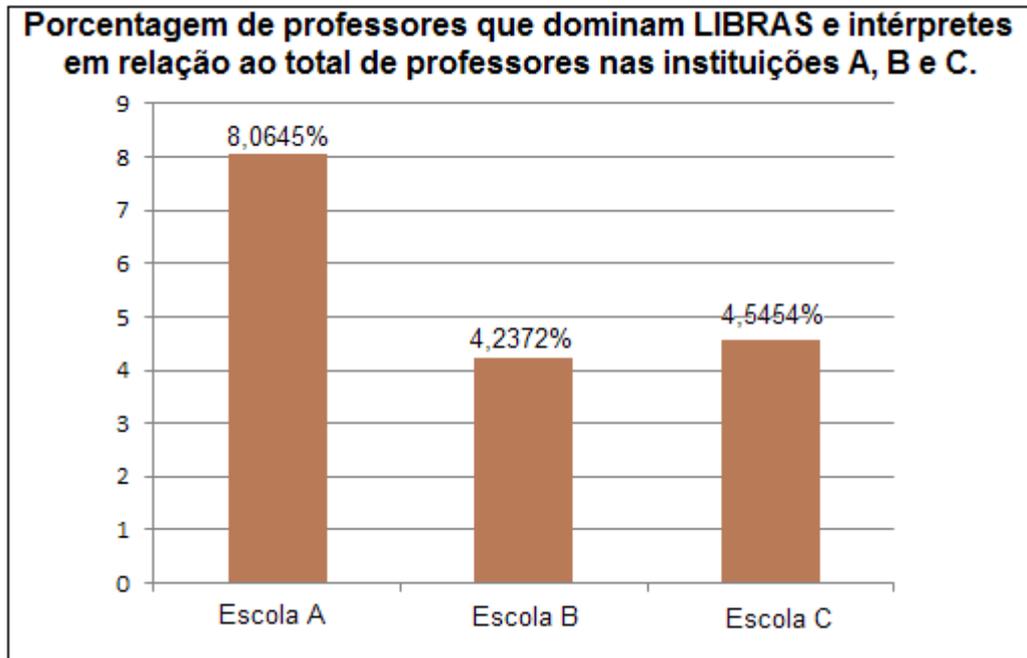


Figura 2 - Porcentagem de professores que dominam LIBRAS e intérpretes em relação ao total de professores nas escolas A, B e C.

Com base na Tabela 1, observou-se que a variação no número de alunos entre as escolas é bastante significativa, sendo a escola B a que possui o maior número de alunos, conseqüentemente também é a que apresenta maior número de professores, professores de química, professores com alunos surdos em sala de aula e funcionários. Contudo, não é a instituição que apresenta maior número de professores com domínio da Libras e de alunos surdos. A escola A foi a que apresentou o maior número de alunos surdos, e de professores com domínio em LIBRAS, contudo possui um baixo número de intérpretes se comparada as escolas B e C.

A escola C apesar de apresentar número de intérpretes igual ao número de alunos surdos, não possui nenhum professor com domínio em Libras.

Essa observação ressalta a limitação das escolas no domínio da Libras, decorrente da falta de docentes com esta formação. Resultado este que também é observado por mais da metade dos professores analisados na pesquisa de (GUARINELLO; et all, 2006), os quais citaram que a falta de capacitação e

preparação dos professores como um dos aspectos que causa dificuldades no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, incluindo, nesse aspecto, a falta de conhecimento da língua de sinais pelo professor.

Contudo, acredita-se que o número de docentes com formação em Libras irá aumentar com o passar dos anos visto que esta disciplina atualmente uma disciplina obrigatória na formação de licenciados.

5.2 Caracterização qualitativa das instituições de ensino

5.2.1 Escola A

A caracterização qualitativa do ambiente escolar, realizada por meio de entrevistas e visitas, permite inferir que a escola A é a mais antiga a receber alunos com deficiências. Esta consegue atender as necessidades de todos, ressaltando que no aspecto conservação do ambiente físico seriam necessárias algumas reformas e alterações, principalmente no que se refere a sinalização quanto a incêndio, uma vez que esta não é adequada aos alunos surdos.

Observou-se com relação à escola A que a interação em sala de aula é considerada boa, pois os alunos surdos interagem com os demais alunos ouvintes de forma convencional, porém preferem estar conversando com o intérprete ou com outros alunos surdos, resultados similares foram encontrados por Lacerda (2006) ao analisar uma quinta série do ensino fundamental, de uma escola da rede privada, que contava com 29 alunos ouvintes e um aluno surdo, onde segundo o autor “a relação entre alunos ouvintes e surdo não se revela sempre difícil, havia aceitação e compreensão de suas características, mas não se revela sempre fácil, ocorrendo dificuldades de relação, de conhecimento sobre a surdez e de aceitação de certas características”.

No que se refere à política utilizada na instituição, a escola A não realiza provas e trabalhos diferenciados entre os alunos, com a justificativa de que durante sua vida, nem sempre serão favorecidos por sua condição, e utilizam como exemplo a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que não é diferenciada para alunos surdos, em função disto acredita-se que o fato de fazer as provas e trabalhos iguais reforça a inclusão.

Referente ao auxílio dos intérpretes, essa escola apesar dos professores afirmarem que os alunos fazem todas as atividades sozinhos, e que os intérpretes somente traduzem para Libras as perguntas das provas e trabalho, o que foi observado é um pouco diferente, onde em algumas situações os alunos não conseguem interpretar o que é pedido e o intérpretes acabam resolvendo ou dando dicas que favorecem uma melhor nota.

Quanto ao questionamento dos alunos surdos ao professor de química, quando os mesmos apresentam dúvidas direcionam-se primeiramente ao intérprete posteriormente ao professor, a grande maioria das perguntas os próprios intérpretes respondem, se a resposta não for clara ocorre a intervenção do professor. Observou-se que ocorre uma participação visível desses alunos nas aulas de química, os mesmos apresentam dúvidas sobre o conteúdo e os intérpretes as direcionam ao professor.

Com relação ao acompanhamento dos professores durante o decorrer da aula em relação ao entendimento do conteúdo pelos alunos surdos, o que foi observado é que na escola A, o professor se preocupa em saber de forma geral como esta a compreensão do conteúdo direcionando-se a turma toda, e raramente se dirige somente aos alunos surdos em questão, tentando realizar um tratamento da forma mais equilibrada possível.

Quanto a aceitação da disciplina de química pelos alunos surdos o que se observou é que para essa escola, atualmente tudo é disponibilizado em sala de aula é de características relevante ao professor que está ministrando a disciplina. Na escola A não foram observadas grandes dificuldades quando comparada as demais matérias. Porém de forma geral a química ainda é uma das disciplinas que envolve a interpretação e apresenta contextos difíceis de serem visualizados pelos alunos em geral, e para os alunos surdos o conteúdo passado muitas vezes é visto de forma complexa. Segundo os autores Sousa e Silveira (2011) em uma experiência com alunos surdos de uma escola regular na cidade de Uberlândia, os intérpretes em geral mostram que uma das dificuldades encontradas na realização do seu trabalho é a falta de sinais dos conceitos químicos, gerando uma imensa dificuldade no entendimento dos conteúdos passados em sala. O mesmo artigo revela a necessidade do trabalho em conjunto entre os intérpretes e os professores na criação sinais que reflitam esses conceitos.

As dificuldades com relação à elaboração, compreensão e interpretação textual, foram apontadas por (GUARINELLO; et all, 2006), onde os professores analisados na pesquisa, referiram-se as estas dificuldades como pontuais em diversas turmas as quais eles trabalham. Os professores ressaltam que as falhas na estrutura gramatical, ortografia e vocabulário reduzido, contribuem para que tais dificuldades sejam acentuadas.

Com relação ao desempenho de notas obtidas por alunos surdos, na escola A acredita-se que seus alunos em grande parte superam o valor em média estabelecido pela turma, encontrou-se semelhanças nas observações realizadas por Lacerda (2006) onde os professores da escola privada apresentaram em geral um bom rendimento escolar por parte do aluno surdo. Sabe-se que tal fato é justificado pela influência do intérprete, porém não deixando de ressaltar que por não possuírem audição a concentração no conteúdo disponibilizado em sala é redobrada favorecendo o aumento das médias escolares.

Para as atividades recreativas desenvolvidas pelos alunos surdos no intervalo o que foi observado na escola A, é que esses alunos permanecem em um grupo pequeno formado por apenas alunos surdos, onde interagem utilizando a Libras e se divertem entre si, porém não interagem com frequência com os demais alunos ouvintes durante o intervalo das aulas.

A questão referente ao acompanhamento da direção com a família do surdo o que pode ser observado é que na escola A, a direção toma as medidas cabíveis de forma igualitária para todos os alunos. Quanto ao acompanhamento dos pais, o que observou-se foi que informações sobre notas e comportamento podem ser consideradas praticamente inexistentes, ou seja, os pais comparecem a escola somente quando são solicitados.

Quanto ao comportamento, observou-se que os alunos de forma geral têm o comportamento muito melhor que os demais alunos, acredita-se que isso se deve provavelmente ao fato de ter o intérprete com eles durante as aulas, e o mesmo contribui para que o comportamento do aluno seja melhor.

O material didático oferecido aos alunos surdos apresenta-se de forma satisfatória segundo os responsáveis pela escola A, ou seja, todos os livros disponibilizados pelo governo, expõe um material igual a todos o que segundo as entrevistas favorece a inclusão.

Observou-se que esta escola possui aulas de Libras em turnos diferentes, onde todos os alunos da escola e de outras podem participar, visando melhorar a interação e aprendizado sobre a Libras. Essa também favorece os alunos que fazem parte dessa instituição a comparecerem as aulas. Resultados semelhantes segundo Merselian e Vitaliano (2011) ocorreram na escola municipal de Arapongas, que atendia em torno de 11 alunos surdos em sua instituição, na mesma acredita-se que a partir do momento em que foi ofertado o atendimento educacional especializado referente ao ensino da Libras em períodos de contra turno, os alunos apresentaram grandes avanços escolares.

Tal como neste trabalho nas observações na pesquisa de (GUARINELLO; et all, 2006), os professores analisado propuseram que os alunos recebessem acompanhamento paralelo com aulas de reforço no contra-turno ou disposição de professores de apoio em todas as disciplinas, acreditando que com isso o ensino para estes alunos teria uma grande avanço.

Outra característica relevante de destaque é que o professor que ministra as aulas de Libras também é surdo. Segundo Merselian e Vitaliano (2011) o ingresso de professores surdos na comunidade educativa pode ser considerado imprescindível nas tomadas de decisões que envolvam estruturação e implementação curricular, assim como todo e qualquer debate com relação às questões da gestão de políticas educacionais para surdos.

5.2.2 Escola B

A caracterização qualitativa do ambiente escolar da escola B permite inferir que a estrutura física é muito boa, em destaque para alunos surdos, uma vez que além de possuir um espaço amplo, observou-se na mesma uma qualidade nas sinalizações, com placas indicativas em todas as salas auxiliando na identificação visual de cada ambiente.

A interação dos alunos surdos em sala de aula é ótima. Um exemplo positivo dessa interação é o relacionamento sentimental formado por um casal, entre um dos alunos surdos e uma aluna ouvinte, comprovando que não existe diferença entre eles e nem sequer preconceitos. De modo geral os demais alunos surdos que estudam nessa instituição interagem com a turma toda.

Quanto às avaliações, provas e trabalhos, destaca-se aqui que apesar da escola realizar diversas reuniões com os professores, buscando a aprovação dos mesmos para a modificação de provas e trabalhos, as quais deveriam constar mais componentes visuais, que estariam favorecendo os alunos surdos, na prática isto não ocorre. Pois os professores afirmaram que isso não compete a eles, e sim aos intérpretes, ou seja, os professores gostariam que os intérpretes elaborassem a prova de cada disciplina. Partindo disto os intérpretes se recusaram a elaborar as provas, alegando não possuir o mesmo conhecimento necessário para cada uma das disciplinas. Deste modo, após constantes discussões nesta escola as provas e trabalhos são realizadas de forma igualitária para todos os alunos, e poucos professores tentam utilizar recursos visuais na elaboração das mesmas.

Segundo (Lorenzetti, 2003), em sua pesquisa com cinco professoras que atuam com o aluno surdo nas escolas da rede municipal de ensino em classes do ensino fundamental no município de Itajaí em Santa Catarina, todos os professores devem estar preparados para atender às necessidades desses alunos no contexto escolar e social, aceitando-os nas suas diferenças.

Com relação ao auxílio dos intérpretes observou-se que inicialmente traduzem as perguntas, e posteriormente os deixam respondê-las sozinhos, no entanto nem sempre isso acontece, pois o aluno surdo torna-se impaciente e passa a perguntar incessantemente ao intérprete exigindo ajuda para responder as questões e o mesmo muitas vezes se dispõe o que favorece a determinação das respostas.

Na escola B observou-se pouca participação por parte dos alunos surdos durante as aulas de química, onde os mesmo interagem preferencialmente com o intérprete presente em sala, e o questionamento realizado pelos alunos surdos durante as aulas é muito restrito, podendo até ser considerado inexistente.

Em (Guarinello; et all, 2006), ao realizar uma pesquisa direta com professores da rede pública do Paraná, verificou-se que os alunos só copiavam, que ficavam alheios aos conteúdos e à margem do processo de ensino-aprendizagem. Decorrente de tal situação, afirmavam que os mesmos não acompanham o ritmo da turma.

No que se refere ao acompanhamento dos professores durante o decorrer da aula de química em relação ao entendimento do conteúdo pelos alunos surdos, observou-se que não ocorre essa interação com frequência, ou seja, o professor muito pouco direciona atendimento voltado à compreensão dos alunos surdos, tal

como todos os alunos em sala. Vale ressaltar que cada professor tem um método diferente de trabalhar com os alunos, sem esquecer que cada turma possui características diferentes.

Segundo (Lorenzetti, 2003), em sua pesquisa com cinco professoras que atuam com o aluno surdo nas escolas da rede municipal de Itajaí em Santa Catarina, relata que existe uma grande dificuldade encontrada por parte das professoras em estabelecer vínculo de comunicação com os alunos surdos. Justifica-se tal fato com a concepção de que uma linguagem totalmente oralista deve ser usada, parecendo que somente através desse tipo de linguagem poderá ser estabelecido a comunicação.

Com relação à aceitação da disciplina de química observou-se na escola B que essa questão é bastante delicada, tem-se a percepção de que os alunos não veem a disciplina com bons olhos, e a conclusão atribuída é que a mesma é de difícil compreensão e visualização. Resultados similares foram apresentados por Sousa e Silveira (2011) onde os autores falam sobre relatos na escola de Uberlândia, nos quais professores enfatizam o tempo de aula como sendo insuficiente para trabalhar o ensino de química para alunos surdos, e ressaltam a criação dos sinais químicos em Libras, onde os mesmos poderiam colaborar para evitar equívocos na tradução dos conceitos para Libras, tudo isso contribui e muito para que a disciplina de química não seja uma das mais apreciadas pelos alunos.

Na escola B as médias referentes aos alunos surdos na disciplina de química são menores do que os alunos ouvintes. Acredita-se que os mesmos possuam dificuldades em interpretar e compreender o conteúdo repassado em sala, isso pode ser justificado pelo fato de muitas vezes sentirem-se retraídos em expor suas dúvidas, o que prejudica o aprendizado de qualquer aluno em sala de aula.

Em relação à dificuldade de interação em sala logo com as notas dos alunos surdo em (Guarinello; et all, 2006), em seu trabalho realizado com questionamentos aos professores da rede pública do Paraná observou-se também que dificuldades na falta de atenção, logo como no desinteresse, ao não cumprimento das atividades, por parte destes alunos era a justificativa de suas notas estarem menores.

É notável, que a interação dos alunos surdos durante o intervalo, é extremamente agradável onde os mesmos não ficam somente em grupos de surdos, e sim interagem com todos os outros alunos da escola o que inclui diversas séries.

Com relação ao acompanhamento feito pela direção da escola B com os pais dos alunos surdos, segundo relatos os mesmos só comparecem a instituição quando solicitados. Um fator bastante relevante é que em muitas famílias com filhos surdos nem mesmo os pais tem uma boa comunicação com seus filhos, sendo que os mesmos nem sempre dominam a Libras, dificultando e muito o convívio desses alunos até mesmo dentro de casa.

Em sua pesquisa (Guarinello; et all, 2006), observou tal como neste trabalho que a falta de apoio familiar, de acesso a profissionais especializados, dificultam a socialização, bem como o aumento da indisciplina, desatenção e dificuldades afetivas por parte dos alunos surdos.

O comportamento dos alunos surdos na escola B é igual aos demais alunos da instituição, tendo sim um número de fichas de ocorrência e problemas relacionados à sala de aula, justificando pelo fato de muitos deles possuírem personalidade mais agressiva. Observaram-se situações onde o aluno surdo fez leitura labial dos comentários ofensivos de certos colegas, que reagiu como qualquer outro aluno de ensino médio.

Quanto ao material didático oferecido aos alunos surdos na escola B acredita-se que seria necessário livros didáticos adaptados, sendo eles favoráveis tanto na elaboração de provas quanto de trabalhos e no auxílio ao professor, a compreender melhor a visão que os alunos surdos tem das suas aulas. Acredita-se que isso teria uma grande repercussão no meio escolar do aluno, podendo compreender melhor o conteúdo suas notas seriam muito melhores. Para Sousa e Silveira (2011) discussões semelhantes foram abordadas, apontando como uma das principais causas do rejeito da disciplina o fato de ocorrer uma carência de material didático-pedagógico em química, voltado preferencialmente aos alunos surdos, segundo os autores esse é um fator expressivo indicado pelas intérpretes da instituição causando dificuldades no ensino aprendizagem, principalmente em relação aos conceitos abstratos e à simbologia utilizada nessa ciência.

Segundo Pereira, Benite e Benite (2011) em sua pesquisa relacionada a interações pedagógicas em uma escola com alunos surdos da rede estadual da cidade de Anapólis observou-se relatos semelhantes ao observado neste projeto.

“Quando perguntados sobre as dificuldades para aprender química, chamou-nos a atenção o fato de todos os alunos apontarem para a

complexidade dos conceitos apresentados, da exigência de um nível maior de raciocínio e para a ausência de material de apoio para estudo como fatores determinantes das dificuldades no aprendizado da Química.”

O fato de alguns alunos surdos não serem completamente alfabetizados em Libras dificulta muito o aprendizado do mesmo, e o intérprete tem um papel importantíssimo na ajuda dessa alfabetização.

Outro ponto em questão é o fato da família, muitas vezes não busca melhorar a comunicação com os filhos, não dominando a Libras, e tornando o aluno mais reservado.

5.2.3 Escola C

Quanto a avaliação feita na estrutura física da escola C, observou-se que ela possui uma qualidade muito boa, porém em questão de tamanho é pequena quando comparada com as demais, mais muito bem sinalizada e adaptada. Possuindo placas nas entradas das portas que auxiliam na organização visual e sendo importantíssimas para os alunos surdos.

Em relação a interação que ocorre dentro da sala de aula pode-se observar que os alunos surdos preferem interagir com outros alunos surdos, assim como os alunos ouvintes com outros alunos ouvintes. Tal observação também foi verificada por Ferreira e Nascimento (2014) quando analisaram alunos surdos do terceiro ano do ensino médio de uma escola localizado na cidade de Guanambi no estado da Bahia, onde os professores não observavam grandes interações de alunos surdos com alunos ouvintes em sala de aula, onde segundo os autores, muito raramente um aluno ouvinte conversa com um aluno surdo e, quando isso acontece, o diálogo é bem breve.

Para a escola C a política estabelecida para a elaboração de provas e trabalhos, mostra que são sempre adaptados, os professores buscam de forma geral ter um material diferente para a realização das atividades com a turma. Porém essa escola possui alunos surdos que não são completamente alfabetizados, para estes são realizadas atividades diferenciadas, de forma a melhorar o ensino de forma visual, sendo que alguns professores chegam a ter um material específico somente para alunos surdos. Considerações similares a estas foram realizadas pelos autores

Ferreira e Nascimento (2014) em sua pesquisa na escola de Guanambi, as quais revelaram que os professores que realizaram adaptações em seu modo de avaliação obtiveram maiores médias escolares. Segundo Ferreira e Nascimento (2014), o simples fato de escrever a pergunta da prova ou trabalho da maneira adaptada ao surdo já se tem grandes avanços, estas adaptações são ferramentas didáticas com potencial para atender aos alunos surdos em suas especificidades, minimizando as dificuldades de aprendizagem provocadas pelo distanciamento da estrutura da Libras em comparação com a língua portuguesa.

Com relação à dinâmica utilizada em sala de aula, para Guarinello et al. (2006), quase metade dos professores analisados em sua pesquisa no estado do Paraná, indicaram o uso de avaliação diferenciadas para os aluno surdo. Nessa questão, foram citadas como estratégias dos mesmos: o uso de provas ilustradas, com desenhos e imagens; a realização de avaliação objetiva; tarefas que realizam em casa; avaliações em duplas/grupos; aceitação das respostas em língua de sinais. As quais demonstraram-se positivas e contribuíram para o ensino aprendizagem. Para os alunos que já são alfabetizados em Libras e em português as provas ainda são adaptadas, porém componentes visuais são utilizados de forma mais reduzida.

No que se refere ao auxílio dos intérpretes, os entrevistados nessa escola disseram que eles somente traduzem as provas, e os alunos as respondem sozinhos. Mas grande parte das vezes os alunos surdos ficam chateados por não receberem ajuda, ai então os intérpretes tentam relembrar o dia ou momento em que o professor estava falando sobre aquele determinado assunto, porém a resposta em si não é fornecida, somente dicas são disponibilizadas.

Entretanto constantemente os intérpretes realizam a tradução das provas e retiram-se da sala de aula deixando o aluno surdo responder as provas da sua maneira, para que o mesmo não reaja de forma impaciente e seu comportamento seja inadequado.

Quando se trata do questionamento dos alunos surdos durante as aulas, de forma geral os alunos surdos não apontam grande diferença dos alunos ouvintes, sendo observado como única alteração evidente o fato do intérprete fazer a mediação entre o aluno e o professor.

Não foi possível avaliar a questão de notas recebidas pelos alunos surdos na disciplina de química dessa instituição, uma vez que não há aluno surdo matriculado

na disciplina. Deste modo, as observações apresentadas referem-se a relatos. Em conversa com o professor de química este afirmou que os alunos tinham uma boa participação durante as aulas, interagindo de forma igualitária tanto com o professor quanto com os demais alunos presentes na classe.

Com relação ao acompanhamento dos professores durante o decorrer da aula em relação ao entendimento do conteúdo pelos alunos surdos, foi observado que na escola C que os professores procuram com frequência saber se os alunos estão apreendendo e compreendendo o que está sendo passado em sala, com preocupação em que todos consigam dominar o conteúdo.

Em relação a aceitação da disciplina de química observou-se que a mesma é vista como uma das matérias mais difíceis e que gera mais dúvidas por parte dos alunos, isso deve-se ao fato de que os alunos surdos buscam interpretar os conteúdos passados em sala de aula de forma visual e nem sempre isso é possível, como exemplo da interpretação do que seria um átomo, para a disciplina essa interpretação é de extrema importância mais para os alunos surdos a visualização de algo que não é palpável é definida como complexa. Resultados semelhantes foram apontados por Pereira, Benite e Benite (2011) os quais verificaram que o ensino da química é visto pelos alunos surdos como complexo, contendo a existência de raciocínios abstratos, que fazem referência a particularidades da linguagem química que é muito mais densa que a linguagem coloquial, e essas palavras têm significado dentro do corpo teórico que as sustentam, e isso torna a mesma uma disciplina de difícil compreensão. Ressaltando que a comunicação visual é de extrema importância para estas aulas, já que ocorre uma grande carência na simbologia química em Libras, e se as aulas não forem visualmente adaptadas o aprendizado dessa Ciência estará comprometido.

Na escola C as médias de notas como já citado tiveram de ser comparadas com lembranças de turmas passadas. E concluiu-se que não existiam diferenças relevantes entre os alunos ouvintes e os alunos surdos.

As atividades recreativas desenvolvidas durante o intervalo das aulas, mostraram que os alunos surdos interagem com todos de forma geral, não ficando retraídos e muito menos isolados, porém a preferência ainda é pela companhia de outros alunos surdos.

Em relação ao acompanhamento da direção com a família do surdo, observou-se para essa escola devido ao fato dos alunos surdos apresentarem

diferente faixa etária, que para os adolescente os pais tem um acompanhamento excelente, comparecendo a escola verificando o desempenho e demonstrando preocupação. Isso gera uma grande melhorara no desenvolvimento do aluno, que ao chegar em casa busca mostrar o que aprendeu em sala, uma vez que os pais dão a devida atenção.

Quanto ao comportamento apresentado pelos alunos surdos não tem-se a incidência de fichas de ocorrência, porém alguns tem comportamento levemente agressivo levando muitas vezes a uma grande irritação, podendo ser justificado pelo fato dos alunos possuírem dificuldades em entender o que está sendo ministrado em aula, e é nesse momento que o intérprete possui papel fundamental, ou seja, repetindo o contexto e tentando minimizar o stress desenvolvido, levando em consideração que os alunos surdos compreendem o mundo em que vivemos de forma diferenciada dos ouvintes.

Quanto aos livros didáticos oferecidos aos alunos surdos segundo a escola C observou-se que seria necessário que os mesmos fossem adaptados, sendo assim estariam não só favorecendo o aprendizado do aluno surdo logo como auxiliando o professor a compreender melhor a visão que os alunos surdos têm das suas aulas.

O fato que chamou atenção foi o interesse que em geral os professores da escola tem em melhorar não somente a educação dos alunos surdos mas também em melhorar a vida em sociedade dos mesmos, levando como exemplo uma professora de ciências que levou a turma ao supermercado para que pudessem ver as frutas e alimentos e para o caso dos alunos surdos, que pudessem associar ao sinal.

Nesta escola observou-se que os intérpretes tentam repassar conteúdos interdisciplinares a esses alunos o que faz toda a diferença para a vida deles, como exemplo questioná-los a respeito de quem era Dilma e o que ela representava para Brasil, são pequenas perguntas e definições que fazem toda a diferença na compressão de mundo para esses alunos.

Na escola C existem relatos de alunos que após frequentarem a escola passaram a sair sozinhos de casa, o que foi considerado uma grande evolução, ou seja, a escola teve um papel de extrema relevância na independência pessoal desses alunos.

Pode-se observar nesta instituição uma grande preocupação vinda dos professores e intérpretes em relação aos seus alunos, o que foi muito importante

para a realização da pesquisa, sabe-se que os mesmos buscam também por adaptações digitais e jogos didáticos interativos, tudo que possa favorecer a educação e está ao alcance deles os mesmos estão dispostos a aderir. Para os autores Ferreira e Nascimento (2014) a utilização de jogos didáticos voltados a alunos surdos teve grande repercussão positiva na escola onde os mesmos foram aplicados.

“O jogo, portanto, não teve caráter apenas avaliativo, mas também favoreceu o processo de ensino-aprendizagem ao mesmo tempo em que possibilitava aos alunos voltar e discutir conceitos estudados, algo que não é possível numa prova escrita.”

“Os jogos são um forte aliado para os professores não apenas para verificar o que os alunos aprenderam ou deixaram de aprender, mas também porque favoreceu o estabelecimento de um espaço de discussões bastante motivador e fecundo concernente à aquisição de conhecimentos.”

5.2.4 Opiniões em comum envolvendo as três instituições.

No que se refere ao material didático o livro disponibilizado por ambas as escolas A, B e C, é o mesmo, não apresentado diferenciação nem mesmo entre os alunos especiais. Deste modo, acredita-se o governo poderia disponibilizar um material específico para os alunos surdos, ou seja, um material que contasse com mais recursos visuais a fim de favorecer não somente os alunos surdos como todos os demais. Acredita-se que, o conteúdo de química por meio de ilustrações poderia proporcionar maior interatividade e com isso aumentar a compreensão e contextualização.

Quanto a questão: Os intérpretes traduzem tudo que o professor está falando em sala? Para ambas as escolas A, B e C a resposta foi não, uma vez que todas as instituições de ensino, afirmam que não é possível fazer uma tradução simultânea do que é explicado em sala de aula. Sendo apontado como justificativa o fato de algumas palavras presentes na disciplina não possuírem sinal definido, com isso o intérprete busca um sinônimo ou até mesmo uma explicação diferenciada para que o aluno possa compreender o conteúdo. O que observou-se nas instituições é que os intérpretes passam aos alunos surdos uma espécie de “resumo” do que está acontecendo em aula.

Após as observações da dinâmica dos intérpretes em sala, pode-se afirmar que nas três escolas essa é excelente, uma vez que os intérpretes traduzem além do conteúdo todos os comentários realizados durante a aula, como as piadas e as brincadeiras que os colegas elaboram. Isto é importante, pois coloca o aluno surdo diante do direito de também se divertir como os demais e deste modo, sintam-se incluídos no ambiente escolar o qual estão participando. Com isso, podemos inferir que os intérpretes podem ser considerados além de grandes mediadores do ensino, e ótimos agentes de inclusão. Essa realidade também é frisada pelo autor Lacerda (2006) que ressalta a valorização do intérprete em sala de aula, onde o mesmo não deve ser visto como uma figura desconhecida, o fato de interpretar e o de aprender estão indissolivelmente unidos, sendo que o intérprete educacional assume também função de educar o aluno.

Quanto as dúvidas mais frequentes dos alunos surdos nas aulas de química observou-se que as mesmas são relacionadas as palavras de duplo sentido, como exemplo a palavra “solução” que pode ser vista com o contexto de solucionar um problema ou também como uma solução salina. Esse fator é bastante determinante, pois influência diretamente na interpretação dos problemas propostos em sala.

Outra dúvida bastante relevante é existência de termos que não podem ser visualizados tais como as “ligações intermoleculares”, que são fundamentais na disciplina, porém não podem ser vistos de forma concreta.

Em todas as escolas os intérpretes não acompanham os alunos durante o período do intervalo, isso se deve segundo alguns docentes entrevistados ao fato de tentar fazê-los interagir com todos os demais alunos.

No que se refere ao tempo disponibilizado aos alunos surdos para a realização das provas e trabalhos, todas as escolas foram unânimes, em garantir que se os mesmos necessitarem de um acréscimo do tempo de prova o mesmo poderá se dirigir para a coordenação e ter o seu tempo acrescido. De qualquer modo, tal procedimento é quase sempre dispensável uma vez que os professores ao elaborar as provas se organizam de forma que não seja necessário acréscimo de tempo.

6 Considerações Finais

A presente pesquisa permitiu realizar a observação do ambiente escolar de três escolas caracterizando-as em diferentes pontos vista, porém levando em consideração a percepção da acadêmica, quanto as questões sobre estrutura física, ações envolvendo os intérpretes, professores e funcionários em geral, e principalmente o desenvolvimento de ensino direcionado a alunos surdos na disciplina de química.

Ressaltando as principais formas de ensino, e suas diversas qualidades concluiu-se que na escola A, sendo ela a menos populosa em comparação as demais, é a instituição que possui maior número de alunos surdos, e também possui o maior número de professores com domínio em Libras o que facilita a interação do professor diretamente com o aluno surdo, a qualidade desta instituição é de grande importância, pois a mesma tem espaço reservado somente para aulas em Libras com professor surdo que busca diversas maneira de alfabetizar e ampliar os conceitos de interação dos alunos surdos com sua língua mãe.

Na escola B pode-se frisar que além da sua ótima estrutura física, destaca-se o seu empenho em eliminar o preconceito dos alunos de forma completa, nessa instituição ocorre uma grande socialização entre alunos surdos e ouvintes os mesmos interagem entre si sem levar em consideração suas diferenças, fazendo valer a proposta de inclusão. Além de uma grande relação de companheirismo estabelecida entre os intérpretes e seus alunos facilitando o aprendizado.

As observações referentes a escola C, destacam-se as inúmeras características positivas, é uma das escolas com a maior preocupação no bem estar dos seus alunos, ressaltando em sua política de ensino a interdisciplinaridade e levando em consideração valores importantes na sociedade em que vivemos, trazendo à tona questões que fazem da formação do aluno surdo não apenas um diploma e sim proporcionam a ampliação da sua qualidade de vida, mostrando seu valor para sociedade e como pode estar melhorando sua convivência com ela.

A pesquisa evidencia a importância do professor e do intérprete dentro da sala de aula, sendo ela refletida na vida do aluno. Os alunos que interagem com seus professores podem construir opiniões críticas sobre os assuntos disponibilizados. Quando trazem esses conceitos e os relacionam com disciplina de química pode afirmar ser ainda mais marcantes, pois a química é a disciplina além

de nos compor nosso organismo está presente em quase todas as ações do nosso dia-a-dia.

Com auxílio dessa pesquisa é imprescindível ressaltar as melhoras na educação especial, porém o esforço pela melhora dessa educação no país deve continuar, pois ainda precisa-se de muitas reformas para que torne-se vantajoso para todos. E que a qualidade em nossa educação seja maior para cada brasileiro com necessidades especiais ou não, e que a mesma quando requerida seja inclusiva e o preconceito seja abolido.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Alberto Rainha ; CARVALHO, Ilza Silva. **Comunicação Por Língua Brasileira de Sinais**. 3º Edição. Brasília. Editora: Senac/DF, 2009.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. Tradução: Frederico Pessoa de Barros et al. 9º Edição. São Paulo. Editora: Pensamento Cultrix LTDA, 2011.

FERREIRA, Wendel Menezes; NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Utilização do jogo de tabuleiro - ludo - no processo de avaliação da aprendizagem de alunos surdos**. Quím. nova esc. – São Paulo-SP, BR. Vol. 36, Nº 1, p. 28-36, FEVEREIRO 2014.

FRIZANCO, Mary Lopes Esteves; HONORA, Marcia. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. 1º Edição. Editora: Ciranda Cultura, 2009.

GIL, Antonio Carlo. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º Edição. São Paulo. Editora : Atlas S.A, 2008.

GUARINELLO ,Ana Cristina; BERBERIAN ,Ana Paula ; SANTANA ,Ana Paula; MASSI, Giselle; PAULA, Mabel de. **A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2006, v.12, n.3, p.317-330.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista**. 2º Edição. Editora: Plexus, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Disponível em: <http://portalines.ines.gov.br/> . Acesso em: 24 jun. 2014.

JANNUZZI, Gilberta S. de M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 2º Edição. São Paulo. Editora: Autores Associados ,2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LORENZZETTI, Maria Lúcia. **A inclusão do aluno surdo no ensino regular: a voz das professoras.** Contrapontos - volume 3 - n. 3 - p. 521-528 - Itajaí, set./dez. 2003.

MERSELIAN, Katia Tavares; VITALIANO, Celia Regina. Análise das condições organizadas em uma escola para promover a inclusão de alunos surdos. Rev. Lusófona de Educação n°.19 Lisboa 2011.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção. **Fundamentos Históricos, Biológicos E Legais Da Surdez.** Curitiba. Editora: IESDE Brasil S.A, 2012.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de; SÁ, Márcia Souto Maior Mourão; NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. **Legislação e Políticas Públicas em Educação Inclusiva.** 2ª Edição. Curitiba. Editora: IESDE Brasil S.A, 2009.

PEREIRA, Lidiane de L. S; BENITE, Claudio R. Machado; BENITE, Anna M. Canavarro. **Aula de Química e Surdez: sobre Interações Pedagógicas Mediadas pela Visão.** Química nova na escola. Vol. 33, Nº 1, Fevereiro 2011.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação:** doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo. Editora: Summus, 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem:** Aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo. Editora: Plexus, 2007.

SOUSA, Sinval Fernandes de; SILVEIRA, Hélder Eterno da. **Terminologias Químicas em Libras: A Utilização de Sinais na Aprendizagem de Alunos Surdos.** Química nova na escola. Vol. 33, Nº 1, Fevereiro 2011.

Universidade Presidente Antônio Carlos, UNIPAC

http://www.ensinosuperior.org.br/atividades_complementares/adm/EstruturaSintatica.pdf Acesso em: 17 jul. 2014.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

<http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade3/oralismo.htm>
Acesso em: 24 jun. 2014.

VALENTE, Flávia; RODRIGUES, Cristiane Seimetz. **Aspectos Linguísticos Das Libras**. Curitiba. Editora: IESDE Brasil S.A, 2012.

ZAQUEU, Livia da Conceição Costa. **Política Educacional Inclusiva I**. São Luís. Editora: Livro didático, 2012.

ANEXO 1

Quadro 1 - Caracterização quantitativa do ambiente escolar com alunos surdos.

Parâmetros Quantitativos Avaliados no Ambiente Escolar	
Número total de alunos	
Número de alunos surdos	
Número total de professores	
Número de professores de química	
Número de professores com alunos surdos em suas aulas	
Número de professores de química com domínio de LIBRAS	
Número total de intérpretes	
Número total de funcionários	

Quadro 2 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos.

	Perguntas	Muito ruim	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom
Instituição escolar						
2.1	Como classifica a estrutura física da escola para a inclusão?					
2.2	Como classifica o material didático exposto em sala de aula?					
Atividades em sala						
2.3	Como classifica a interação entre o aluno surdo e os demais alunos em sala?					
2.4	Como avalia as atividades (provas e trabalhos), levando em consideração o aluno surdo?					
2.5	Como avalia o auxílio dos intérpretes na realização dos trabalhos e provas?					
2.6	Como é o questionamento dos alunos surdos ao professor de química?					
2.7	Os intérpretes traduzem tudo que o professor esta falando em sala?					
2.8	Como é a participação dos alunos surdos na aula de química?					
2.9	Como é a dinâmica dos intérpretes em sala?					
2.10	Como é o acompanhamento dos professores durante o decorrer da aula em relação ao entendimento do conteúdo pelos alunos surdos?					
2.11	Como classifica as atividades recreativas desenvolvidas pelos alunos surdos no intervalo?					
2.12	Como avalia a aceitação da disciplina de química pelos alunos surdos?					
2.13	Existem dúvidas? Quais as mais frequentes dos alunos surdos?					
2.14	Como é o acompanhamento dos intérpretes com os alunos durante o intervalo?					
2.15	Como é o desempenho escolar dos alunos surdos na disciplina de química?					
Direção escolar						
2.16	Como avalia o acompanhamento da direção com a família do surdo?					
2.17	Como avalia o comportamento dos alunos surdos (número de fichas de ocorrência)?					
Inclusão						
2.18	Os alunos surdos tem material didático diferente dos demais alunos?					
2.19	Os surdos tem um tempo maior para a realização das atividades?					

ANEXO 2

Tabela 2 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola A.

Número da pergunta	Muito Ruim	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom
2.1			x		
2.2					X
2.3				x	
2.4			x		
2.5			x		
2.6				x	
2.7				x	
2.8				x	
2.9					X
2.10			x		
2.11				x	
2.12				x	
2.13				x	
2.14					X
2.15					X
2.16				x	
2.17					X
2.18				x	
2.19					X

ANEXO 3

Tabela 3 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola B.

Número da pergunta	Muito Ruim	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom
2.1					X
2.2				x	
2.3					X
2.4			x		
2.5				x	
2.6	x				
2.7				x	
2.8		x			
2.9					X
2.10			x		
2.11					X
2.12			x		
2.13				x	
2.14					X
2.15		x			
2.16				x	
2.17			x		
2.18				x	
2.19					X

ANEXO 4

Tabela 4 - Caracterização qualitativa do ambiente escolar com alunos surdos na escola C.

Número da pergunta	Muito Ruim	Ruim	Regular	Bom	Muito Bom
2.1					x
2.2				x	
2.3				x	
2.4					x
2.5					x
2.6				x	
2.7				x	
2.8				x	
2.9					x
2.10					x
2.11			x		
2.12			x		
2.13				x	
2.14					x
2.15				x	
2.16					x
2.17				x	
2.18					x
2.19					x